



Da Leitura de Dados à Escrita de Cartas: andanças pela Educação Estatística e inclusão de gênero.

Fábio Luiz Fontes Martins¹

Resumo do trabalho: Este trabalho apresenta uma experiência pedagógica que articula educação estatística e discussões sobre igualdade de gênero nas aulas de Matemática. A intervenção foi desenvolvida em uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de São Leopoldo/RS e dialoga com a habilidade EF06MA32 da Base Nacional Comum Curricular, que envolve a interpretação de dados em tabelas e gráficos e a produção de textos a partir dessas informações. Fundamentada nos referenciais do Letramento Estatístico e da insubordinação criativa em Educação Matemática, a proposta buscou deslocar a aula de matemática de uma abordagem centrada apenas em procedimentos para uma perspectiva de leitura crítica de dados e problematização social. A atividade foi estruturada em quatro momentos: exibição de um vídeo sobre igualdade de gênero; leitura e interpretação de dados do portal IBGE Educa referente ao Censo Demográfico 2022; análise de uma reportagem jornalística sobre violência contra mulheres; e, por fim, produção de cartas entre os estudantes relatando aprendizagens e reflexões sobre a aula. A análise das cartas evidenciou que os estudantes identificaram informações estatísticas relevantes e começaram a relacionar dados demográficos com questões sociais, problematizando reportagens sobre violência de gênero. Além disso, a escrita das cartas mostrou-se um instrumento potente de avaliação formativa, permitindo ao professor acompanhar processos de compreensão, reflexão e diálogo. Conclui-se que a integração entre leitura crítica de dados, análise de diferentes fontes de informação e produção textual pode contribuir para o desenvolvimento da formação cidadã nas aulas de matemática.

Palavras-chave: Educação Estatística; Igualdade de gênero; Insubordinação criativa.

Desviando a norma: a gênese da proposta

A experiência pedagógica foi desenvolvida com uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Padre Orestes João Estragliotto, localizada no município de São Leopoldo, Rio Grande do Sul. No âmbito do componente curricular de Matemática, a proposta foi alinhada à habilidade EF06MA32 da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que prevê a interpretação e a resolução de situações envolvendo dados apresentados em tabelas e gráficos, bem como a produção de textos que sintetizem as conclusões obtidas (Brasil, 2018).

¹ Escola de Ensino Fundamental Padre Orestes João Stragliotto, fabio.fontes.martins@gmail.com.



A aula foi planejada para ocorrer em quatro atos, articulando diferentes linguagens, como a audiovisual, a textual e a gráfica, com o objetivo de favorecer o desenvolvimento do Letramento Estatístico (Gal, 2002) e fomentar uma postura crítica diante das informações veiculadas pela mídia. Nessa perspectiva, a proposta buscou deslocar a aula de matemática de um espaço centrado exclusivamente em procedimentos e técnicas para um espaço de problematização social, em diálogo com perspectivas contemporâneas da Educação Matemática que compreendem a leitura crítica de informações estatísticas como uma prática de cidadania.

Assim, concebemos uma aula em que o debate foi desencadeado pela exibição de um vídeo sobre igualdade de gêneros, seguida da interpretação de materiais disponibilizados no IBGE Educa e da problematização de notícias veiculadas na mídia. A articulação entre esses diferentes recursos buscou propiciar momentos de reflexão e discussão entre as/es/os estudantes e o professor responsável pela prática, na medida em que compreendemos que esses deslocamentos favorecem a emergência de falas, inquietações, dúvidas, sentimentos e opiniões, potencializando a construção de leituras críticas acerca das informações estatísticas e das questões sociais que elas evidenciam.

Educação Estatística, insubordinação criativa e inclusão de gêneros

Como mencionado anteriormente, nossa reflexão teve origem no curso de extensão sobre gêneros e sexualidades nas aulas de matemática. A essa experiência somaram-se os estudos desenvolvidos pelo autor desta proposta no campo da Educação Estatística, buscando estabelecer uma articulação entre essas duas temáticas. Nessa perspectiva, o plano de aula foi estruturado em consonância com a habilidade EF06MA32 da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a qual não se restringe à leitura mecânica de gráficos, mas pressupõe a interpretação de informações, a comparação entre diferentes fontes, a identificação de narrativas e a produção de sínteses escritas (Brasil, 2018).



Assim, a aula foi estruturada para que as/es/os estudantes não apenas realizassem a leitura de gráficos, mas também problematizassem questões como: quem produz os dados? Como eles são apresentados? O que é evidenciado? O que permanece invisibilizado? Como diferentes mídias constroem narrativas a partir de números? Nessa perspectiva, buscou-se promover uma leitura crítica das informações estatísticas, compreendendo que os dados não são neutros, mas produzidos e comunicados em determinados contextos sociais, políticos e culturais.

A inclusão da escrita de uma carta ao final da intervenção constituiu um movimento metodológico intencional. Escrever exige a reorganização do pensamento, a seleção de informações relevantes e a construção de sentidos, dimensões que podem e devem ser estimuladas nas aulas de matemática. Além disso, compreendemos que a escrita de cartas configura uma possibilidade de se constituir como um instrumento de avaliação, na medida em que permite às/aes/aos estudantes expressarem suas interpretações, posicionamentos e aprendizagens ao longo do processo (Carvalho; Barros; Souza, 2024).

Ademais, compreendemos que a Educação Estatística deve priorizar “práticas de ensino menos focadas em cálculos e mais em aplicações e interpretações da Estatística no contexto de formação do aluno, pode auxiliá-lo no desenvolvimento de atitudes mais positivas” (Giordani; Neves; Nunes, 2024, p. 11). Nessa perspectiva, o ensino da Estatística desloca-se de uma abordagem centrada em procedimentos para uma proposta voltada à compreensão, à interpretação e ao uso crítico das informações estatísticas em diferentes contextos.

Nesse cenário, o Letramento Estatístico apresenta-se como uma possibilidade profícua de abordagem, sobretudo quando se busca favorecer o desenvolvimento de uma postura crítica diante das informações produzidas e divulgadas na sociedade. Isso porque o Letramento Estatístico pressupõe a articulação de habilidades de interpretar, avaliar e comunicar informações



estatísticas, possibilitando que as/es/os estudantes compreendam os dados, questionem sua produção e seus usos e construam argumentos fundamentados em evidências (Gal, 2002).

Rosa (2020, p. 2) nos diz que:

Em termos de Educação Estatística, inserindo-a na Educação Matemática, entendemos que prioriza a compreensão intuitiva e formal de importantes temas da matemática que estejam subjacentes a procedimentos e representações estatísticas. No caso, a Educação Estatística almeja que os estudantes leiam e utilizem a linguagem estatística para compreender o mundo. Isto é, realizar a leitura de informações que se apresentam no dia a dia pode ser um caminho de se alçar ao letramento, ao pensamento e ao raciocínio estatístico. No caso, é mais do que reconhecer gráficos. Ser letrado, por exemplo, implica avaliar as informações adquiridas e, criticamente, saber comunicá-las, com intuito de articular e estabelecer conclusões por meio dessas informações. Para isso, a insubordinação criativa pode servir como meio para que a postura frente às informações não seja passiva, de simples receptáculo, mas, como um modo de reconhecimento de incerteza, de variabilidade, de aleatoriedade.

A partir das reflexões propostas por Rosa (2020), compreendemos que a escrita de cartas nas aulas de matemática configura-se como um movimento de insubordinação em relação ao que tradicionalmente se espera desse componente curricular. Tal proposta rompe com a concepção de que a matemática se restringe ao cálculo, à interpretação e à resolução de problemas, ampliando as possibilidades de ensinar e aprender por meio de outras linguagens e formas de expressão.

Nessa perspectiva, defendemos que a aula de matemática deve incorporar diferentes modos de abordagem, como por exemplo, a música, o teatro, o cinema e, no contexto deste estudo, a escrita de cartas. Ao integrar essas linguagens às práticas pedagógicas, busca-se ampliar os espaços de diálogo, reflexão e produção de sentidos, favorecendo experiências formativas que transcendam o ensino de conteúdos matemáticos e contribuam para uma formação mais crítica e sensível.



D'Ambrósio e Lopes (2015, p. 13), já nos orientaram quanto à insubordinação criativa como força motriz para a reinvenção do educador:

Diante disso, defendemos uma prática de Educação Matemática mobilizada pelas questões sociais, econômicas, políticas, éticas, históricas e culturais. Esse horizonte está atrelado à sensibilidade para perceber as distintas Matemáticas que emergem nos múltiplos contextos e requerem novas posturas e ações dos educadores matemáticos, as quais não estão predeterminadas – precisam ser criadas a partir da interação e do diálogo com seus pares.

Concordamos com as autoras quanto à necessidade de avançar na construção de aulas de matemática que mobilizem questões sociais, as quais demandam da/de/do educadora/educadore/educador não apenas uma postura política, mas também sensibilidade para acolher e compreender os diálogos que emergem das/des/dos estudantes. Isso implica identificar possibilidades de mediação que favoreçam a problematização das falas, a construção coletiva de reflexões e a ampliação dos sentidos produzidos no contexto da aula.

É nessa perspectiva que fundamentamos o planejamento da experiência pedagógica apresentada neste estudo, concebendo a aula de matemática como um espaço de diálogo, problematização e formação crítica. A seguir, descrevemos o percurso metodológico desenvolvido e as ações que constituíram essa proposta.

Do vídeo à carta: caminhos para a produção de sentidos

Nossa aula foi planejada para dois encontros, com duração de 1h50min cada, correspondentes às duas aulas semanais da turma. A proposta foi organizada em quatro atos, estruturados de modo a articular diferentes momentos de problematização, interpretação e produção de conhecimentos. A seguir, descrevemos cada um desses atos.

O primeiro ato consistiu na exibição do vídeo Igualdade de Gênero, disponível no YouTube (<https://www.youtube.com/watch?v=66D-SroKuOw>), que aborda o quinto Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS), voltado à



promoção da igualdade de gêneros. A escolha desse recurso teve como objetivo sensibilizar a turma para iniciar o diálogo sobre a temática, frequentemente tratada como controversa no contexto da educação básica, especialmente com estudantes entre 10 e 11 anos de idade. Além disso, reconhecemos que as discussões sobre gêneros ainda enfrentam inúmeras barreiras, uma vez que vivemos em uma sociedade marcada por preconceitos e diferentes formas de violências de gêneros, as quais também se manifestam no espaço escolar.

Nessa perspectiva, defendemos que iniciar uma aula sobre essa temática por meio de um recurso audiovisual configura-se como uma estratégia de insubordinação criativa, ao romper com abordagens tradicionais de ensino e favorecer a abertura para o diálogo. Ademais, compreendemos que a utilização do audiovisual possui potencial para suscitar comentários, questionamentos e posicionamentos por parte das/des/dos estudantes, criando oportunidades para que a/ê/o docente realize intervenções que contribuam para a construção de uma conversa dialógica, crítica e fundamentada.

Após a exibição do vídeo, foram planejadas as seguintes perguntas para instigar a reflexão das/des/dos estudantes: O que podemos entender a partir do vídeo? Qual a ideia principal? O que chamou sua atenção? O que você não sabia e passou a saber? Nesse momento, espera-se que a turma responda as indagações, porém, advertimos que a/ê/o professora/professore/professor desenvolva um diálogo onde contemple o entendimento dos principais pontos do vídeo por todas/todes/todos estudantes.

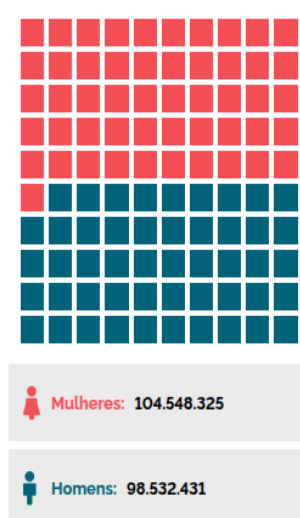
No segundo ato, propusemos a leitura coletiva e a interpretação de informações estatísticas apresentadas no portal IBGE Educa, referentes aos resultados do Censo Demográfico de 2022 (Figura 1). A escolha desse material teve como objetivo mobilizar a interpretação de informações estatísticas em um contexto socialmente significativo, favorecendo que as/es/os estudantes



analisassem, discutissem e problematizassem os dados apresentados a partir de evidências produzidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Figura 1. População na data de referência, por sexo

Sexo (cada bloco = 1%)



Fonte – IBGE

A partir da informação disponibilizada pelo IBGE Educa, espera-se que a leitura desencadeie um diálogo acerca da informação estatística apresentada pelo Censo Demográfico, segundo a qual o Brasil possui uma população feminina superior à masculina. Essa constatação é problematizada a partir da seguinte questão: se há mais mulheres no Brasil, por que ainda persistem tantas desigualdades de gêneros e casos de violência contra as mulheres, como aqueles divulgados pela mídia?

Entendemos que essa problematização possibilita estabelecer uma articulação com o ato seguinte da proposta, no qual são realizadas leituras de reportagens sobre a violência contra as mulheres. Dessa forma, busca-se ampliar a discussão para além da interpretação das informações estatísticas, favorecendo



uma reflexão crítica sobre as relações sociais que atravessam esses números e sobre as diferentes formas de desigualdade e violência presentes na sociedade.

Assim, a proposta do terceiro ato consiste na leitura de notícias veiculadas pela mídia, com o objetivo de desenvolver a criticidade diante das informações apresentadas por esses meios de comunicação. Compreendemos que as notícias são passíveis de questionamentos e múltiplas interpretações, uma vez que estão relacionadas às escolhas editoriais, às ênfases jornalísticas e às formas de construção das narrativas.

Dessa forma, espera-se que esse momento possibilite a reflexão de que nem toda informação veiculada pela mídia deve ser compreendida como verdade absoluta ou como uma certeza inquestionável, sendo necessário analisar as fontes utilizadas, os dados apresentados e os contextos em que essas informações são produzidas e divulgadas. Assim, propõe-se a leitura da seguinte notícia:

Figura 1. Reportagem sobre a violência às mulheres

A cada 24h, 12 mulheres foram vítimas de violência em 2025, diz estudo

Ao todo, 4.558 foram vitimadas, o que representa um aumento de 9% em relação a 2024; dados fazem parte da "Elas Vivem: a urgência da vida", que monitorou nove estados ao longo do ano

Yasmin Silvestre e Vitor Bonets, da CNN Brasil*, São Paulo
06/03/26 às 05:01 | Atualizado 06/03/26 às 12:36

Fonte – Silvestre e Bonets (2026)

Em seguida, foram propostas questões comparativas com o objetivo de promover a articulação entre diferentes formas de apresentação de informações: Há proximidade entre os dados apresentados pelo IBGE Educa e o conteúdo da reportagem? O que a reportagem revela? Qual linguagem foi mais fácil de compreender: o dado estatístico ou a reportagem? Por quê? Em qual delas foram encontradas maiores dificuldades de interpretação?



Por último, o quarto ato constitui-se na escrita de uma carta, que será compartilhada entre as/es/os estudantes da turma. Orientamos que a carta seja endereçada a uma/ume/um amiga/amigue/amigo, com o objetivo de relatar como foi a aula, quais informações estatísticas mais chamaram atenção, o que aprenderam sobre a leitura de informações estatísticas, quais reflexões a experiência provocou e outras questões que considerarem relevantes.

A proposta da escrita da carta busca possibilitar que as/es/os estudantes organizem suas ideias, expressem suas interpretações e atribuam sentidos às discussões realizadas ao longo da aula, constituindo-se como um momento de síntese e reflexão sobre os conhecimentos construídos durante a experiência pedagógica.

Análise da experiência: entre dados, narrativas e criticidade

A experiência foi realizada no mês de março, portanto, no início do ano letivo, com uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental. Após a escrita das cartas, o objetivo inicial consistia na realização de uma troca entre as/es/os estudantes. No entanto, considerando que nem todas/todes/todos conseguiram concluir a produção escrita, optamos e combinamos de encaminhar as cartas ao professor da turma.

A turma era composta por 24 estudantes; entretanto, no dia da realização da atividade, estavam presentes 21 estudantes. Dentre esses, quatro não eram alfabetizados e dois apresentavam dificuldades significativas em relação à escrita. Dessa forma, foram produzidas 15 cartas pela turma.

Após a leitura das produções, buscamos selecionar aquelas que apresentavam aspectos identificados na maioria das cartas, especialmente no que se refere à articulação entre as informações estatísticas e a reportagem analisada. A seguir, apresentamos um trecho de uma carta com o objetivo de ilustrar essa constatação:



Figura 1. Trecho de uma carta escrita na turma

EU ENTENDEI QUE O DIA 8 DE MARÇO É O DIA
INTERNACIONAL DAS MULHERES E QUE EXISTE
104.548.323 MULHERES E APENAS
98.532.431 HOMENS.
EU TAMBÉM ENTENDEI QUE EM APENAS
24 HORAS, 12 MULHERES SÃO VÍTIMAS DE
VIOLENCIA DOMESTICA.

Fonte – O autor.

Observamos que a informação referente à existência de uma população feminina superior à masculina no Brasil chamou a atenção das/des/dos estudantes, evidenciando que esse aspecto foi destacado pela maioria das cartas produzidas. Essa constatação revela que a problematização proposta alcançou seu objetivo ao possibilitar a reflexão de que, apesar de as mulheres representarem a maioria da população brasileira, a violência contra elas permanece como uma realidade presente na sociedade, expressa nos inúmeros casos divulgados cotidianamente em reportagens veiculadas pelos meios de comunicação.

Outro aspecto relevante evidenciado durante a escrita das cartas refere-se à demanda das/es/dos estudantes pela mediação do professor ao longo do processo de produção textual, indicando que a escrita ainda se configura como um momento de dificuldade e insegurança para parte da turma. No entanto, compreendemos que esse movimento de diálogo estabelecido durante a elaboração das cartas constituiu-se como um momento de reflexão, acolhimento, aproximação e problematização. Nesse sentido, percebemos que a escrita da carta se apresenta como uma possibilidade de promover o diálogo entre estudantes e professor, favorecendo a expressão de ideias, sentimentos e compreensões construídas ao longo da experiência pedagógica.

Nesse momento, observou-se que as/es/os estudantes reconheciam a presença de números nas mídias, mas nem sempre percebiam que esses números



comunicam mensagens, constroem argumentos e produzem determinadas interpretações sobre a realidade. A proposta evidenciou que a leitura de informações estatísticas não se constitui como uma habilidade exclusivamente técnica, pois envolve a interpretação contextual. Esse processo ainda demandou a mediação do professor para auxiliar algumas/algumes/alguns estudantes na compreensão das informações apresentadas, constituindo-se como um movimento marcado pelo diálogo, pela problematização e pela construção coletiva de sentidos.

Também evidenciamos que a comparação entre diferentes fontes amplia a criticidade das/des/dos estudantes, contribuindo para o desenvolvimento de síntese por meio da escrita e possibilitando a consolidação das aprendizagens construídas ao longo da experiência. Nesse sentido, compreendemos que as cartas podem constituir-se como um recurso avaliativo da aula, na medida em que evidenciam as compreensões das/des/dos estudantes acerca dos objetivos propostos e, simultaneamente, indicam possíveis caminhos para o planejamento de novas práticas pedagógicas pela/pele/pelo professora/professore/professor.

A experiência demonstra que o trabalho com Educação Estatística nos anos finais do Ensino Fundamental, articulado às reportagens veiculadas pela mídia, pode ultrapassar o ensino instrumental de gráficos e tabelas, constituindo-se como uma prática de formação cidadã. Nessa perspectiva, a sala de aula de matemática configura-se como um espaço de problematização, diálogo e construção de sentidos sobre informações estatísticas presentes na sociedade.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. ([Link externo](#)). Acesso em: 10 fev. 2026.

CARVALHO, I. L. de; BARROS, A. P. R. M. de; SOUZA, M. F. de. Cartas escritas em aula de matemática: avaliação informal e formativa. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIAS E INVESTIGAÇÕES DE/EM AULAS DE MATEMÁTICA, IX, 2024, Campinas. **Anais [...]** IX Seminário Nacional de Histórias e Investigações de/em Aulas de Matemática. Recife: Even3, 2024. p. 1-13. Meio digital. ([Link externo](#)). Acesso em: 10 fev. 2026.



D'AMBROSIO, B. S.; LOPES, C. E. Insubordinação Criativa: um convite à reinvenção do educador matemático. **BOLEMA**, Rio Claro, v. 29, n. 51, p. 1–17, abri. 2015. ([Link externo](#)). Acesso em: 10 fev. 2026.

GAL, I. Adults' statistical literacy: Meanings, components, responsibilities. *International statistical review*, v. 70, n. 1, p. 1-25, 2002. ([Link externo](#)). Acesso em: 10 fev. 2026.

GIORDANI, N.E.; NEVES, V.B.F.; NUNES, L.N. Adaptação e validação para português (BR) da escala SATS-28 para medir atitudes em relação à Estatística. *Revista Internacional de Pesquisa em Educação Matemática*. Brasília, v.14, n.3, p. 1-13, 2024. ([Link externo](#)). Acesso em: 10 fev. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Quantidade de homens e mulheres**. IBGE Educa – Jovens. ([Link externo](#)). Acesso em: 4 ago. 2026.

ROSA, M. Insubordinação Criativa na Forma/ação com Professores que Ensinam Matemática. **RIPEM**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 1-5, jan./abr. 2020. ([Link externo](#)). Acesso em: 10 dez. 2025.

SILVESTRE, Y.; BONETS, V. **A cada 24h, 12 mulheres foram vítimas de violência em 2025, diz estudo**. CNN Brasil, São Paulo, 6 mar. 2026. ([Link externo](#)). Acesso em: 4 ago. 2026.